

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Notas avulsas para uma leitura*

**Professor do programa de pós-graduação da PUC-SP.

Ênio José da Costa Brito**

1 BERNARDO, T., *Memórias em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo, Educ-Unesp, 1998.

2 BERNARDO, T., *Negras, mulheres e mães*. Lembranças de Olga do Alaketu. São Paulo/Rio de Janeiro, Educ/Pallas, 2003.

3 Reginaldo Pradi tem se notabilizado por seus estudos sobre as religiões Afro-brasileiras. Entre seus trabalhos destacamos: *Os candomblés em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1991 e o já clássico, *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Quando li *Memórias em branco e negro: olhares sobre São Paulo*,¹ fiquei impressionado com a refinada capacidade analítica e a sensibilidade revelada para a pesquisa por Teresinha Bernardo, que através de um trabalho artesanal reconstrói a imagem da São Paulo do início do século XX.

Em *Negras, mulheres e mães*,² a autora volta a surpreender. A perspicácia analítica e a sensibilidade para a pesquisa de campo se fazem presentes, mais amadurecidas e associadas a uma inquieta criatividade. O texto concilia, com extrema naturalidade, a dimensão poética e a analítica, além de lidar habilmente com a teoria, o que possibilita um renitente e corajoso diálogo com os dados empíricos, que funciona como uma espécie de fio terra.

Ler textos sobre as religiões afro-brasileiras às vezes torna-se uma operação complexa, pelo hermetismo, pelo excesso de dados e pela falta de clareza presente nos mesmos. Bernardo, na esteira de Reginaldo Prandi,³ sabe preservar as dimensões míticas desta religiosidade e a apresentá-la com clareza nos seus escritos.

Antes de visualizar o conteúdo dos capítulos, intitulados, *A trajetória da mulher negra; Mulheres da água e da terra; Mulher do vento e Mulheres negras na modernidade*, vale a pena realçar alguns tópicos que convidam os leitores e estudiosos ao diálogo.

Bernardo, em *Negras, mulheres e mãe*, abriu um diálogo com a historiografia, comprovando que esta nova área de pesquisa é rica tanto para a história, quanto para a antropologia.

*Tomei emprestado a idéia do título desta *Nota Bibliográfica* de um artigo de Jerusa Pires FERREIRA, Notas preliminares para uma leitura. Em *REVISTA USP*, 2001, 50, p.18-39. Ali ela prepara os leitores para um primeiro contato com a obra de Nuno Marques Pereira, *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*.

Esta área comum de pesquisa começou a ser constituída, quando a antropologia se deu conta que seus objetos de estudo não eram estáticos nem imutáveis (superação de uma compreensão cartesiana do objeto) e a história passou a valorizar crenças, comportamentos e cotidianos de homens e mulheres simples.

A escolha do tema da família, como um dos lugares para mostrar a ressignificação na diáspora, permitiu a articulação de inúmeros dados pesquisados. A família escrava, vista como *locus* responsável pela efetiva socialização, simbolização e transmissão de padrões culturais.⁴

A sugestiva reflexão sobre a questão da matrifocalidade no âmbito mítico e da família de santo, não suscita problemas maiores, o que não se pode dizer quando passa a ser discutida no âmbito da família consanguínea no Brasil escravagista. A temática da matrifocalidade deixa em aberto questões de cunho psicológico, como o da identidade do homem africano.

Outra questão instigante, tratada por Bernardo é a da africanização e do sincretismo. Diante destas questões, a mais antiga ialorixá brasileira, Olga de Alaketu, se posiciona de maneira radical e polêmica. Interessante observar como o sincretismo é vivido por Olga e pelos membros de seu terreiro. A celebração do caboclo Jundiara é emblemática. No caso de Olga, o encaminhamento dessas questões está em parte ligado com a complexidade de suas lembranças.

O último censo apontou para um crescimento das religiões afro-brasileiras. A autora, depois de reiterar a importância dos lugares de Candombé, diz que eles estão deixando de ser território negro. Olhando para a modernidade enucleia uma série de pontos preocupantes: sente a falta das grandes mães protetoras, generosas, co-esposas; será que as deusas morreram? será que a religião dos Orixás está com dificuldade para lidar com a tradição e com a memória?

Constata, também, um segundo movimento no interior do Candomblé, à medida que ele deixa de ser uma religião étnica, torna-se uma religião aberta para todos. Esse processo de universalização traz consigo o risco de uma perda dos atributos negros.

Muito importante, para o estudo das religiões afro é o resgate feito pela autora de uma obra pioneira, que tinha caído no esquecimento, *A cidade das mulheres*, de Ruth Landes.⁵ Outras questões merecem destaques: a da relação entre etnicidade e futuro — a etnicidade tem sua base na memória coletiva — e a da memória coletiva.

Teresinha Bernardo, em *Negras, mulheres e mães*, sintetiza um longo percurso de pesquisa e faz um balanço que ... *a ins-tiga sempre a recomeçar ...A pesquisa*.⁶ O binômio gênero e

4 Para aprofundar a temática da família escrava ver os trabalhos de: R. SLENES, *Na senzala uma flor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999; M. FLORENTINO — J. R. GÓES, *A paz nas senzalas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

5 O livro de Ruth Landes foi recentemente republicado, com uma introdução que ajuda a situá-lo e compreendê-lo melhor. R. LANDES, *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

6 Cf. T. BERNARDO, *Negras, mulheres e mães*, op. cit., p. 25.

religião, escolhido pela autora, permite a ela conhecer o cotidiano da mulher negra e desvelar a sua força. Força que o *feminino negro* conta para enfrentar a vida.

Reginaldo Prandi, na apresentação da obra, capta magistralmente a dinâmica interna do texto e a sintetiza assim: *O que ela [Bernardo] quer mostrar? Basicamente, que a mulher negra é dotada, por sua herança cultural africana — ainda que muito diluída, às vezes imperceptível, em grande interação, e às vezes em conflito de valores, com a cultura nacional hegemônica, própria da formação européia, branca e cristã do Brasil — de meios sui generis de defesa e atuação.*

A autora depois de apontar, em *A trajetória da mulher negra*, o seu perfil mítico, em seguida, em *Mulheres da água e da terra* mergulha mais profundamente no universo mítico e resgata a figura da mãe, começando por Iemanjá, *a grande mãe dos brasileiros*.⁷

7 Idem, p. 55.

A compreensão da força existencial da mulher negra passa pela compreensão da maternidade, relembra Bernardo. Maternidade que resplandece em Olga de Alaketu, *uma mulher negra, uma das mais tradicionais mães de santo, que reúne Iansã, o vento, e Iroco, a árvore: os orixás que a acompanham desde 1925*.⁸

8 Idem, p. 80.

Olga transita com facilidade entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, lida com extrema habilidade com o corpo e o espírito, com o mundo dos vivos e dos mortos, com a psique e a natureza.

Em seguida, em *Mulher do vento* volta-se para a cidade de Salvador e acompanha a diuturna luta das mulheres baianas para criarem espaços e se fazerem visíveis na sociedade. No interior desse movimento insere Olga de Alaketu. Suas memórias são recolhidas por Bernardo com habilidade e paixão. Gradualmente, os leitores são introduzidos no mundo desta descendente de uma das mais importantes família de Ketu. Mundo histórico, mundo mítico, mundo histórico-mítico povoado de lembranças e vivências.

Finalmente, em *Mulheres negras na modernidade branca*, a autora volta-se para o cotidiano de lutas, especialmente das mulheres negras de São Paulo. Verbaliza, então questões já presentes no texto, mas que nesta fase da pesquisa ganham densidade.

O Caderno de fatos de Olga de Alaketu, sua família, seus templos fascinará os leitores por dar a eles a oportunidade de visualizar a atmosfera do texto.

Teresinha Bernardo conseguiu, em *Negras, mulheres e mães*, materializar para seus leitores o encontro do *vento* (que representa a mudança, a transformação) e da *árvore* (que representa a tradição). Oferece a eles a oportunidade de conhecer um pouco mais da sabedoria existencial presente no mundo cultural afro-brasileiro.